

AORJ

ORGANIZADOR

ACADEMICO THALES RIBEIRO DE MAGALHÃES

PARTICIPAÇÃO:

ACADEMICOS

WANDERLEY BASILIO DE OLIVEIRA

REGINA TANCREDO

MAURO ALTHOFF

HELIO LUIZ RODRIGUES

ALBERTO BARBOSA DE SOUZA

JAYME GUITMANN

ALMIR TORRES

IBELZA ALVES VASCO PEREIRA

IRANI CABRAL RIBEIRO

O Caduceu – considerações sobre o símbolo da odontologia

Consta que a odontologia, como atividade própria, nasceu em Minas Gerais, pois teve em Tiradentes seu vulto marcante. Órfão com nove anos, teve em seu padrinho o homem que lhe ministrou as principais características da profissão de dentista-sangrador.

A chegada da Família Real e, mais tarde, da Missão Francesa, e a criação do curso na Faculdade de Medicina são fatos importantes. Porém, o grande momento é a instalação do O'Granbery em Juiz de Fora. Ali se deu a presença de Augusto Coelho e Souza como dentista e professor. Estudioso e competente, Coelho e Souza é o autor da coleção de livros denominada Manual Odontológico, que abrange praticamente toda a profissão, com matérias específicas sobre Anatomia, Clínica e Prótese Dentária. A coleção foi editada de 1905 a 1950. No dizer de Ribeiro da Silva Filho, importante professor desta época, Juiz de Fora é o berço da odontologia brasileira.

A odontologia se desenvolveu, as associações foram fundadas. Nasceu assim o desejo de criar um símbolo para a profissão.



A Academia de Odontologia do Estado do Rio de Janeiro (AORJ), fiel ao seu objetivo de apoio à cultura, apresenta este trabalho de compilação, destinado à história do símbolo da Odontologia. Embora o símbolo atual esteja um pouco defasado no que se refere à atual fase de programação visual, ele representa uma odontologia que se preocupa com a saúde bucal do paciente, do ponto de vista médico.

Introdução

Em trabalho publicado na Revista Odontologia Brasileira /2(1): 9 de março de 1914 / sob o título “O Emblema Simbólico da Odontologia”, Benjamin Constant Neves Gonzaga estudou bem o assunto, como dentista do Exército, com a finalidade de apresentar o símbolo para a Odontologia no Corpo de Saúde daquela instituição.

Dos estudos levados a efeito então, surgiu a ideia, que logo mereceu aprovação: o símbolo seria o **caduceu**, no qual a serpente amarela do Esculápio, a **Coluber Aesculapii**, se enroscava da esquerda para a direita circunscrita em um círculo. Seu autor deu a explicação necessária: “medicina circunscrita”, isto é, “circunscrita à cavidade bucal”.

Tal fato acha apoio na tradição e na história. Entre os atributos com que complementava a estátua do Esculápio, o Deus da Medicina, existente no Museu do Vaticano, sobressai a serpente, que não significa a prudência, como muitos têm afirmado, se não a lembrança de um fato acontecido a Esculápio, ao sair da casa de uma doente, para a qual tinha perdido toda a esperança de salvação. Então cruzou com uma serpente de cor amarela, não venenosa, que lhe cerrou o passo. Esculápio acreditando-se atacado, matou-a. Porém, no mesmo instante, se apresentou outra de igual tamanho

e cor. Então, Esculápio observou que o réptil levava na boca uma planta com a qual pode curar a doente desenganada. Desde então, a serpente foi a inseparável companheira do Deus da Medicina e se representada enroscada em redor do bastão. As estátuas do Museu do Vaticano e do Corinto, na Itália, são preciosos documentos sobre o assunto.



Frente ao exposto, parece lícito adotar-se oficialmente as linhas gerais do símbolo que há mais de sessenta anos vem representando a nossa profissão.

(Salles Cunha, E – O símbolo da odontologia e a pedra simbólica, arq Fleury, outubro, v. 7, maio de 1974).

Complementando este relatório, fomos encontrar na ata da reunião da comissão que constituiu o Grupo de Trabalho, os dados referentes às cores do emblema. Com referência ao caduceu, podemos especificar que a serpente é de cor amarela com estrias pretas, enrolando-se da esquerda para a direita. O bastão de madeira deve figurar na cor marrom e o círculo ao redor de cor grená.



O Professor Salles Cunha, manifestando-se a respeito, assinalou: “Se o símbolo da Medicina é o caduceu, o símbolo da Odontologia fica perfeito com o caduceu circunscrito em um círculo (Medicina circunscrita à cavidade bucal), como defendeu no 1º Congresso Odontológico Latino-Americano (Montevideu, 1912) Benjamin Gonzaga, e tem sido adotado por muitos decênios como uma conquista pacífica da profissão”. (Loureiro)

Sobre a cobra gravada nos símbolos da Odontologia, Juan Túmburus, então bibliotecário a Faculdade de Ciências Médicas de Buenos Aires, alinhou as considerações seguintes : “entre os atributos com os quais completavam-se a estátua do Deus da Medicina, sobressai-se a serpente, que não significa **prudência**, como muitos têm afirmado, senão a lembrança de um fato acontecido a Esculápio (Asclépios). Desde então, a serpente foi a inseparável companheira de Esculápio e se representa enroscada em torno do bastão, conforme o transcrito em trabalho do Professor João Ubaldo Correa, apresentado ao 3º Congresso Odontológico Latino-Americano, realizado no Rio de Janeiro, em 1929.

Mitologia grega

Esculápio, cujo nome grego Asklepios (Asclépios) deriva seu nome latino **Aesculàpius** (Esculápio). Deus da Medicina entre gregos e romanos. Filho bastardo de Apolo ou Febos (Foibos) e da ninfa Coronis, de Larissa, cidade da Tessália, filha única do rei Flégias. Nasceu no monte Titon, ao lado do Epidauro, no Peloponeso. O nascimento de Esculápio ocorreu de modo trágico: Apolo, num acesso de loucura, matou Coronis em adiantado estado de gestação. O menino foi salvo e entregue ao centauro Chiron (Quirão) que lhe ensinou a Medicina. Não só curava doentes como ressuscitava os mortos. Jupiter (Zeus), irritado, matou-o com um raio, a pedido de seu irmão Plutão, Rei dos Infernos, cujo império se despovoava.

Em Trica, na Tessália, tem origem essas lendas e o culto a Esculápio. Em Roma, o culto a Esculápio iniciou-se em princípios do século III a.C. após uma epidemia. Os demais países em torno de Atenas e Roma consagraram Esculápio a partir do século II d.C. Em sua honra, ergueram-se santuários em várias cidades : Trica, Cós, Pérgamo, Atenas e Epidauro (Soveral). Nesta última, ficava o seu principal santuário, onde os doentes acorriam para consulta-lo. Ele foi casado com Epione, a deusa do calmante; juntos, eles tiveram muitos filhos; suas filhas eram Panacea (deusa de medicamentos), Hygeia (deusa da saúde), Iaso (deusa da recuperação), Aceso (deusa do processo de cicatrização), Aglaea ou Aegle (deusa da magnificência e esplendor). Eles também tiveram quatro filhos; Machaon e Podalirius que foram curandeiros lendários e lutaram na guerra de Tróia; Telesphorus que acompanhou sua irmã, Hygeia, e simbolizava recuperação; e Arato.

Não falta quem suponha que Esculápio foi um personagem real, médico, convertido em Deus pelas curas realizadas. Caio Plínio acreditava na existência humana de Asclépios ao consignar : “*el hecho es que la Medicina ha comenzado por poner sus inventos em el rasgo de los dios e darles consagración del cielo*”. Como todos os médicos da Antiguidade, era clínico e cirurgião.

Influência de Esculápio na Medicina e na Odontologia

Na **Medicina**, é considerado o médico mais antigo e o fundador da Clínica Médica, por ter sido o primeiro a visitar os doentes no leito. Foi também o primeiro médico naval, ao embarcar com os argonautas em suas expedições marítimas.

Na **Odontologia**, atribui-se-lhe o privilégio de haver sido o primeiro a aconselhar as extrações dentárias, quando a dor se faz insuportável. Segundo Cícero, Esculápio inventou o **odontogogum**, instrumento de chumbo (espécie de fórceps), utilizado nas exodontias.

Esculápio é representado por um homem de idade madura, barbudo e abundante cabeleira encaracolada. O semblante tranquilo e o olhar doce e sereno, coberto com o manto que deixa desnudada parte do busto e do braço direito. A mão direita sustenta o bastão de viajante no qual se enrosca a cobra, símbolo de adivinhação entre os gregos. Esse animal acompanha todas as divindades médicas. Raramente a serpente não aparece. Também existem estátuas em que ele é representado jovem e sem complementos.



O bastão

Os itinerantes de antigamente tinham no bastão uma arma de defesa pessoal; serviam-se dele como apoio para ajudar a vencer pequenos obstáculos, encostas de morros escorregadios, campos nevados ou para tomar para profundidade de regatos, se tivessem de atravessá-los a vau.

Arma de ataque e defesa, sabiam manejar o bastão com maestria. Fato tão notório na vida de então que, mesmo em “Lusíadas”, canto VIII, estância V, versos 3 e 4, Camões não deixou de registrar : “Viriato sabemos que se chama / Destro na lança mais que no cajado.” Em figuras de apóstolos ou de religiosos antigos são vistos esses bordões ou varas, grossas, com a forma de cajado, porque arqueados na extremidade superior, como insígnia. O bastão era, pois, utensílio de grande serventia aos andarilhos, desses idos tempos, e não poderia faltar uma estátua do médico da Antiguidade.

Ainda hoje, em muitos lugarejos interioranos do Brasil e do mundo, é comum o uso de bastão por pedestre. A bengala é reminiscência do bastão; este era companheiro dos andarilhos e aquela, um complemento da moda masculina entre 1920-1930, ou talvez mais.

A cobra

A cobra, o galo, a tartaruga, o bastão e a taça eram especialmente consagrados a Esculápio. A cobra traduzia a prudência; o galo, a vigilância, qualidades necessárias ao médico. A cobra simbolizava a adivinhação porque na Antiguidade, a Medicina se confundia com a Magia.

Anibal Moreno, em “La Medicina em la Mitologia Grecorromana” afirmou textualmente : “Os romanos acreditavam no poder curativo das cobras, se coleassem em torno dos doentes nos templos. Os curados escreviam nas colunas seu nome, a doença de que padeciam e a terapêutica auxiliar. Às cobras dos templos de Esculápio atribuíam poder curativo por serem transmissoras do poder divino, o era o deus mesmo.” Essa conduta dos doentes curados foi o ponto inicial das terapêuticas usadas, fundamento da Terapêutica empírica.

O emprego de animais para representar ideias ou assinalar sentimentos vem de longa data. A Mitologia, a Poesia, a Arte, a Astronomia e a Heráldica sempre procuraram símbolos entre os animais. Diversas religiões, sob aspecto isotérico ou místico, usaram indivíduos do reino animal. Os cristãos, por exemplo, têm o “Cordeiro de Deus” e o Espírito Santo é representado pela pomba branca. Entre os gregos, são inúmeros os animais dedicados aos deuses mitológicos. Bandeiras e escudos de países, estados e municipalidades empregam simbolicamente a figura de animais para sintetizar valores morais ou comportamentos sociais.

Significação da cobra como símbolo

Filtremos para esta parte o que fora exposto nas linhas anteriores, sem maiores comentários, dada a clareza que elas encerram. A inclusão da cobra na estátua de Esculápio é uma imagem copiada pelos gregos que acreditavam possuir caráter inofensivo, na qualidade de companheira de Deus. Os romanos atribuíram à cobra poder curativo, por ser transmissora de um poder divino ou era um deus mesmo.

A cobra se constituía no acompanhamento compulsório das divindades médicas. Simbolizava ora a prudência (qualidade que o médico devia ter) ora a adivinhação (com vistas ao diagnóstico e ao prognóstico da doença que acometia o paciente). Outrora, “el prognostico descansaba en los resultados de la adiviñación mediante la cual se intentaba descubrir las intenciones de la divinidad respecto ao enfermo pecador” (Febres-Cordero).

Coluber Aesculapii

A **Coluber Aesculapii**, cobra de Esculápio (*C. flavescens*, GM., *Natrix longissima*, Lour.) é um indivíduo de 1,50cm ou mais de comprimento. Corpo coberto de escamas grandes e imbricadas, dispostas em 21, 22 ou 23 séries longitudinais.



Cabeça pequena separada do tronco por colo estreito, como se pode perceber em decúbito ventral. O fociúlo arredondado. O dorso apresenta-se em tom amarelo-acinzentado pardo, com manchas amareladas em cada lado do focinho. Existem outros indivíduos da mesma espécie de cores diferentes. É cobra terrestre, não venenosa. Arborícola. Alimenta-se de ratos, lagartixas e outros pequenos vertebrados.

Do gênero **Coluber**, ela é ofídio da família das colúbridas, serpentes terrestres arbóreas, com dentes áglifos, corpo coberto de escamas lisas imbricadas, em séries mais ou menos regulares, bem visíveis.

As **colúbridas**, família de reptéis colubriformes, compreendem cobras não venenosas, de cabeça apartada do tronco por colo estreito, possuindo cores variadas.

Um símbolo para a Odontologia

Um emblema para a Odontologia deverá ser a que se coloca a cabeça da **Coluber Aesculapii** na parte final de seu corpo, ficando com a disposição semelhante à figurada na estátua de Esculápio.



Disposição do arranjo e simbolismo da figuração

O círculo

- 1) Posição : colocado externamente, circunscreve as figuras do emblema, tal como moldura algo espessa.
- 2) Simbolismo : significa que a Odontologia, sendo como é, especialidade médica, está limitada à boca, isto é “Medicina circunscrita à cavidade bucal”.
- 3) Coloração : o círculo terá a cor oficial da Odontologia, que atualmente é encarnada (da cor de carne viva). Em caso contrário, será preta.

A cobra

- 1) Posição : enrosca-se no bastão. Deve enroscar-se com a cabeça apoiada na face anterior do bastão, a primeira volta é feita por trás dele, no sentido inclinado para baixo e para a direita; seu corpo faz uma segunda volta por cima da face anterior ao bastão, dirigindo-se obliquamente para baixo e para a esquerda, indo forma a terceira volta, que é igual à primeira, pela face posterior do apoio, terminando com a ponta da cauda em forma de um S suave e apoiada no bastão, de acordo com a citada “Estátua de Esculápio”. A sua boca guarda a posição de repouso. A língua não se projeta para fora da mandíbula. Seu corpo não deverá ser liso, malhado ou cheio de ponteados, mas simular escamas grandes e imbricadas, representadas por linhas losangulares.
- 2) Simbolismo : a cobra, representada pela **Coluber Aesculapii** (cobra de Esculápio), simboliza a ciência médica entre os gregos, “ao lado do Deus da Medicina” era “o animal que passava por conhecer todos os segredos ocultos no seio da terra”. A cobra se constituía no acompanhamento compulsório das divindades médicas. Simbolizava a prudência e a adivinhação (com vistas ao diagnóstico e ao prognóstico da doença a ser tratada). Por estas razões, ela aparece ordinariamente nas estátuas da Antiguidade erigidas em homenagem a Esculápio, o Deus da Medicina, entre os gregos e romanos, sendo, por isso mesmo, transportada para o emblema da Medicina e, por extensão, ao da Odontologia.
- 3) Coloração : em símbolos coloridos, a cobra deverá ter cor amarelo-acinzentada parda, que é a cor natural da **Coluber Aesculapii**. De outra forma, ela será preta.

O bastão

- 1) Posição : é a figura mais interna, fica ao centro do emblema, em posição vertical. É o caduceu (espécie de cetro, insígnia de Mercúrio e do Comércio, de realeza, dos antigos parlamentares e bastão de comando militar), serve de apoio à cobra, no qual se enrosca. Deve ser retilíneo, liso, sem folhas, ramagens ou nós.
- 2) Simbolismo : está presente nas estátuas de Esculápio por representar o bastão do viajante, bordão inseparável dos itinerantes de antigamente, usado pelos médicos da Antiguidade em suas andanças a pé, no cumprimento do seu dever.
- 3) Coloração : deve ser de cor branca, sempre, por ser a cor dos bastões, que são feitos de lenho claro.

Sobreleva destacar que tanto a cobra como o bastão devem ficar colocados num campo branco.

Dando prosseguimento à compilação de textos acerca deste tema, constata-se no artigo de Amedeo Bobbio, intitulado “A simbólica serpente de Esculápio”, publicado na Revista da Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas, a confirmação do simbolismo sobre a serpente no emblema adotado pela Odontologia. Especialmente entre os povos do Mediterrâneo, o conceito do poder sobrenatural da serpente evoluiu no sentido de torna-la emblema da sabedoria e do poder, até considera-la uma verdadeira divindade curativa.

E era desenvolvida esta credence da faculdade de curar da serpente que o vulgo tinha a convicção de que fosse suficiente comer um pedaço deste animal para adquirir conhecimentos médicos.

De qualquer forma, Asclépio (ou Esculápio) e a serpente estão tão intimamente relacionados, sendo esta, seu atributo principal.

Até é possível que o nome Asclépio se derive da palavra grega “askálabos” que, justamente, significa serpente e, na realidade, em épocas mais remota não era a Asclépio que os doentes se dirigiam em suas orações, mas à própria serpente. Posteriormente, quando Esculápio se transformou na divindade oficial da Medicina, a iconografia o representou sempre enroscada na vara, símbolo da sua autoridade, e a associação tornou-se, portanto, indissolúvel.

Não faltam, porém, os exemplos nos quais Esculápio comparece em forma de réptil. Quando o culto de Esculápio foi introduzido em Roma, uma apósita embaixada trouxe realmente de Epidauro, com todas as honras (em 291 a.C.), uma autentica serpente. Esta serpente de Esculápio era uma cobra comum, muito vulgar, que os autores gregos chamavam de **pareias**, nome derivado da palavra **praos**, que significava túbio, ou de **pirros**, que quer dizer castanho avermelhado. Em outras palavras, seria o **coluber longissimus** dos modernos naturalistas que Plínio chamava **anguis Aesculapii** e Horacio, **serpens Epidauris**.

Era portanto, um réptil inofensivo, muito frequente na Grécia e na Síria, e que na Tessália era vendido em Pela, domesticado, para ser colocado nos berços das crianças. Tornado-se Esculápio o patrono da Medicina, a vara com a serpente enroscada, à qual o deus se apoiava, conforme a representação da escultura antiga, passou a ser elegida como contrassenha da profissão médica. Para a Odontologia, mas em época muito recente e de preferência nos países centro e sul-americanos, foi adotada uma pequena variante e a vara foi transformada em tocha.

As razões desta antiga representação da vara enroscada pela serpente estão implícitas em tudo quanto foi dito sobre a conexão ideológica Esculápio-serpente e na crença popular do Deus visitando os enfermos, ajudado pela cobra, que lambendo as feridas favorecia o saneamento. A vara, portanto, teria sido um meio de transporte, mas muitas e várias são as hipóteses neste sentido.

Para os nossos fins, um interesse todo especial tem a terapia de extração do verme, realizado por médicos indígenas, conforme descrito pelo Prof. H. Vogel, do Instituto B. Nocht de Hamburgo. Analisando verminoses de países de clima quente, lembrou do verme da Guinéa ou de Medina ser o maior nematoide infestante do homem. Quando a pessoa portadora do verme, que vive no tecido conjuntivo do abdômen abaixo do mesentério, entra na água, a fêmea do verme expulsa suas larvas dentro da água. O homem contagia-se bebendo a água não filtrada, não fervida, na qual estejam presentes os pequenos hospedeiros (Cyclops) deste verme. Para extrair o verme do corpo da pessoa infectada, os médicos indígenas utilizam uma técnica antiquíssima que consiste em segurar o verme pela cabeça e lentamente

Magalhães, Thales R.

2016

pág. 9

desfiá-lo, estirando-o e enrolando-o ao mesmo tempo sobre uma varinha de madeira, agindo com grande atenção para não quebrar o verme. Assim, a imagem da serpente enroscada na vara, empunhada antes por Asclépio, tornou-se o símbolo de toda arte e ciência médica. A hipótese é, sem dúvida, atraente.

Conclusão

Observações deste trabalho mostram que o símbolo atende às expectativas dos profissionais da Odontologia, tornando-o histórico e tradicional através de estudos iniciais da Comissão de Notáveis em 1914, integrando-o à área médica, com aprovação oficial do Conselho Federal de Odontologia, através de Parecer exarado em 1987, anexo a este trabalho.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

1. SALLES CUNHA, E. O símbolo da odontologia e a pedra simbólica. Niterói, Rio de Janeiro. Arquivos Fluminenses de Odontologia, Universidade Federal Fluminense, volume 7, número 2, páginas 33-34. 1974
2. NARDINI, Angelo D. A verdade sobre o símbolo da odontologia. Sem local. Tribuna Odontológica – SOEG (recorte). Sem data.
3. BABBIO, Amedeo. A simbólica serpente de Esculápio. Cópia sem informação de ano, data e local de publicação. Páginas 142-145.
4. NESI, Waldir. Um emblema para a odontologia. Niterói, Rio de Janeiro. Arquivos Fluminenses de Odontologia, Universidade Federal Fluminense, volume 7, número 2, páginas 38-46. 1974.
5. LOUREIRO, Ivan e SALLES CUNHA, E. O verdadeiro símbolo da Odontologia. Niterói, Rio de Janeiro. Arquivos Fluminenses de Odontologia, Universidade Federal Fluminense, volume 6, número 2, páginas 56-59. 1973.

OUTRAS REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRITO, Aberlado. A Odontologia através da legislação federal. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1940.
2. CAMÕES, Luís de. Os Lusíadas. Lisboa. Parceria Ant. Maria Pereira. Livraria Editora. 1912.
3. COMMELIN, P. Nova Mitologia grega e romana. 8ª edição traduzida por Thomaz Lopes. Rio de Janeiro. F.Briguiet & Cia. 1947.
4. SALLES CUNHA, E. História da Odontologia no Brasil. 2ª. Edição. Rio de Janeiro. Editora Científica. 1952.
5. SALLES CUNHA, E. O emblema da Odontologia. – O Canino. Nº 19 : 4-5. Agosto de 1966.
6. Decreto nº 7.247 de 19 de abril de 1879
7. Decreto nº 2.061 de 29 de julho de 1895
8. Decreto nº 7.667 de 18 de dezembro de 1909
9. Decreto nº 8.337 de 4 de novembro de 1910
10. Delta Larousse Enciclopédia, 2ª edição, volume IV. Rio de Janeiro. Editora Delta S.A. 1964
11. FEBRES-CORDERO, Focion. “Origenes de la Odontologia”. Caracas. Editorial Arte. 1966
12. GONZAGA, Benjamim. O emblema simbólico da Odontologia. Revista da Odontologia Brasileira. 2(1): 9. Março de 1914.
13. GUNTHER. Londres. “Catalogue of colubrina snakes in the collection of the British Museum.” 1858
14. GUTHRIE, Douglas. “Historia de la Medicina”, Barcelona, Salvat Ed. S.A. 1946.
15. MAGALHAES, Alvaro. Enciclopédia Brasileira Globo. 11ª edição, tomo I. Porto Alegre. Editora Globo. 1969
16. MESTICA, Enrico. “Dizionario dela língua italiana”. 2ª edição. Torino. S.Lattes & Cia. Editori. 1937
17. MIARNAU, R.A. “História anecdótica de la Odontologia”. Barcelona. Salvat Editores. 1945
18. MORENO, Anibal R. “La Medicina em la Mitologia Grecorromana”. Buenos Aires. Editor El Ateneo. 1940.

19. Portaria nº 273 de 1º de setembro de 1967 do Ministério do Exército Brasileiro.
20. POTTIER, E. In : ref. 17;22 SEGUIER, J – Dicionário pratico ilustrado. Porto. Lello & Irmão Editores. 1957
21. SCHREIBER. “Herpetologia europea”. Brunswich. 1875.
22. STEINDORFF, G. “Physicians and Medicine in ancient Egypt”, Cyba Symposia, 1940, In : ref. 9
23. SOUZA, Almeno Ferreira de. A legislação do ensino odontológico do império até nossos dias. Niterói, Rio de Janeiro. Arquivos Fluminenses de Odontologia, Universidade Federal Fluminense, páginas 18-24. 1968.
24. SOVERAL, A.M. Enciclopédia EPB Universal, 1º vol. São Paulo. Editora Pedagógica Brasileira Ltda. 1969
25. Universal Ilustrada Europeo-Americana (Enciclopédia), tomo XX, Madri. Espassa-Calpe S.A. 1931.

ANEXO:

PARECER DO CONSELHO FEDERAL DE ODONTOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL, SOBRE O TEMA “SIMBOLOS DA ODONTOLOGIA”

- CFO – Processo 6.111/85 do CRO/RS – parecer nº 137 / 1987, aprovado em 30 de outubro de 1987, tendo como relator o conselheiro Augusto Caetano Rocha CD –

Revisão: Dayse Botelho de Deus